

Em busca da coca e dos traficantes

VALDIR SANCHES
Enviado especial

A metralhadora Browning ponto 30, colocada na proa da lancha Tubarão, assusta os inexperientes mesmo vista de costas. Mas os policiais federais não param. Com seus uniformes de camuflagem, continuam trazendo para bordo um número apreciável de armamentos, metralhadoras 9 milímetros, escopetas calibre 12, caixas

de munição. A cintura, vão os 36 e até mesmo algemas. Eles estão partindo em busca do epadu, nome que índios e caboclos do Amazonas dão à cocaína, mas também querem encontrar os traficantes de países andinos que compram a droga. Começa assim a segunda e última parte do relato da ação da Polícia Federal no Amazonas, reportagem iniciada na edição de ontem de O Estado.

Um arrais, navegador experiente da Marinha, homem que conhece os rios amazônicos como a rua de sua casa (numa cidadezinha amazônica), assume o comando da Tubarão. O motor de 155 HP responde rapidamente. São oito metros de popa à proa, para levar os 11 federais em operação, os repórteres, mais o corpulento Mr. Larry Lyons, especialista da Divisão de Repressão a Entorpecentes

do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

O exótico mercado de Tefé e o ex-convento da Prelazia, com a sobriedade de seus decorados tijolos à vista, vão ficando para trás, perdendo-se no caudal que o motor da lancha provoca nas águas cinzas — quietas — do lago. São cinquenta minutos para atravessar o lago nessa embarcação rápida, para alcançar um ponto determina-

do em sua largura — não em seu comprimento.

A chegada, afinal, atrapa-lha a paz de um bando de patos e o trabalho de algumas lavadeiras, às margens do lago. Três casas paupérrimas, uma palhoça, crianças curiosas. A Browning, na proa, perde todo seu sentido. Mas a Tubarão desliza pelas águas de um igarapé, o do Mineiroá. Os passageiros, oficiais ou não, são levados em duas turmas devido ao problema de calado. Por esta época, os rios e os igarapés mal começaram a encher com as primeiras chuvas do inverno amazônico. A medida que a lancha avança pelo curso d'água cercado de mato, o equipamento de fogo retoma seu sentido. Afinal, além dos policiais há outro tipo de interessados no epadu percorrendo a mata do Amazonas.

Na selva amazônica, queimando o epadu

A mutuca, um moscão supertrido com um ferrão ainda maior, forma o comitê de recepção aos viajantes. Para completar, o incômodo plum é uma versão amazônica do borraçuado, o terrível carapanã. Mas são as abelhas quem primeiro se manifestam. E os lábios e as mãos resultarão logo doloridos e inchados.

A caminhada, na selva: o único integrante da expedição realmente preparado para enfrentá-la em termos de logística é Larry Lyons. O senso atávico de precaução do norte-americano dotou-o de todo o equipamento necessário, incluindo víveres e produtos de primeiros socorros. Os federais contam principalmente com uma determinação quase fanática, e com bom vigor físico. Guia o grupo o excessivamente eficiente (em termos de rapidez) João Nambu.

O cipó traçoqueiro que laça o pé; o toco camuflado por folhas que faz tropeçar — e às vezes cair — não dificultam a caminhada de Nambu. Tampouco ele parece sentir o calor abafado que a floresta guarda e que faz os não habituados botar a língua de fora. A caminhada pela floresta é árdua, mesmo nos trechos varados pela trilha dos mateiros ou de gente que tem por ali sua plantação de mandioca. O claro-escuro propiciado pelos raios do sol que conseguem varar a copa das compridas árvores agrada à vista. Mas não descansa o corpo. Esse tronco de árvore atirado de margem à outra, sobre o riacho cravado de tocos afiados, serve de ponte. Mas o tronco-ponte balança muito; a cada passo, a queda na água — e nos tocos — parece certa. Por fim, todos passam apesar de alguns sentirem as pernas ainda bambas por boas centenas de metros.

O delegado Cardoso dita ordens. Quer rapidez: "Vamos embora, vamos indo". E a caravana segue até que um de seus dois agentes especiais, por intuição ou prática, descobre os primeiros galhos de epadu. "Aqui!" E logo centenas de touceiras, cada uma com quatro e até dez galhos, surgem à vista.

Uma certa euforia e um monte de mosquitos de nomes amazônicos tomam conta da expedição. Então, aqui está! São pés bem altos, cheios, plantados junto a outros espécimes da mata. De nenhuma forma seria possível detectá-los (pele menos neste caso) por satélite. Mas Cardoso e Lyons logo fazem outras descobertas significativas: uma fileira de 30 pés plantados em correto alinhamento, demonstração de boa técnica. Ainda estão pequenos, mas visíveis.

E essa praga, retoma Cardoso sua peroração favorita, dá mais que mandioca: uma vez plantada, em poucos meses floresce. Com menos de um ano já há muito epadu para colher. E depois, a cada quatro vezes no ano, vem nova produção. Para plantar — o delegado arremata — basta pegar um galhinho e fincar no solo. E João Nambu, animado em mostrar como é, planta um pé como demonstração.

Mister Lyons está remexendo em uma mochila. De lá extrai um metro e meio de fita de epadu recém-plantado. Mais tarde, em seu relatório oral, ditado para um gravador, registra: o pé mediu quatro metros e meio. Começa então o rude trabalho de oito abnegados agentes e dois escrivães: arrancar as touceiras de epadu. Cardoso põe-se vigilante. Se a

raiz não for completamente extraída, a planta volta a brotar. Essa coca amazônica, de pés incrivelmente altos, é dura de arrancar. Mas cada pé é cuidadosamente cortado. E ao cabo de bom tempo de trabalho, já os montes estão prontos para ser inclinados — tarefa que se decide deixar para o dia seguinte.

E a floresta amazônica, ora com trilhas, ora mais ou menos bruta (porque o homem vive aqui, há tempos, oferece-se para a volta. O jacaré e a marreca estão nas partes inundadas, as terríveis cobras bico de jaca e coral nas áreas secas, junto com a aranha caiarara, que tem pelo crescido como o de certos macacos. No ar, podem estar muitas araras e periquitos e o gracioso beija-flor. Onças? Sim, elas estão por aí, dirão os homens da terra. Mas isso tudo não é problema. As metralhadoras nove milímetros dos policiais — e o Magnum 45 que Mr. Lyons traz à cintura — oferecem uma confortável sensação de confiança.

No meio da tarde uma abençoada chuva cai sobre os homens cansados. Mas a copa das árvores e o suor dos corpos reduzem a um mínimo o proveito que se pode tirar dela contra o calor. Perto das quatro horas da tarde quase seis depois de penetrar na mata, Cardoso e seus homens, o observador norte-americano e os fatigados repórteres voltam a embarcar na Tubarão. Contentes, por um dia proveitoso.

Em Tefé, os federais investigam. É preciso fazer contatos, buscar nomes, para saber onde está — do outro lado do lago, geralmente — o epadu. Para os que acompanham os policiais, acaba não sendo segredo, o que de resto, é fácil supor. Informantes são pagos, quando uma informação vale a pena. Pessoas da cidade, ou até mesmo barqueiros, podem dar um bom serviço.

Que o opadu existe em muitas partes na verdade todos sabem. Até mesmo os padres da Prelazia de Tefé que era um seminário menor mas perdeu essa condição, devido à "crise de vocações". O holandês Antonio Jeansen, com muitos anos de sacerdotado em Tefé, fala do hábito dos índios, e dos moradores antigos, de mascar o opadu. Ali mesmo em Nogueira, o lugarejo que se vê do outro lado do lago (destaca-se, bem ao longe, a pequena igreja), há epadu para uso dos mais antigos — sabe contar o padre, assim como qualquer morador da cidade.

Ao longo do lago, perdidas à beira de pequenas praias ou mata a dentro, há uma infinidade de lugarejos, pertencentes ao município de Tefé. Esse povo vive da pesca, da extração da borracha, mas, principalmente, de fabricar farinha de mandioca. Os regatões, barqueiros que mascateiam por essas bandas, fazem qualquer negócio. Trocam tecidos, açúcar, sal, cachapa por farinha, borracha, castanha, juta e o peixe pirarucu seco. A dois dias da cidade de Tefé, solimões acima, está a cidade de Fonte Boa, com sete mil habitantes, escolas, hospital. E a quem pode duvidar que, nesses lugares todos, haja muito epadu? O homem que, dois dias depois, levaria o delegado Cardoso e sua equipe a uma boa plantação contaria, com naturalidade: "O pessoal vendia o epadu para os regatões, ou trocava por mercadorias".



A planta dá no mato, em meio às árvores, com facilidade. E pode brotar de novo, depois da queimada: a vigilância tem de ser constante

Miséria e tradição, motivos para plantar

No dia seguinte ao da primeira descoberta, logo cedo, os federais voltaram ao ponto onde haviam deixado os pés cortados de epadu. Com alguma dificuldade, posto que as plantas estivessem molhadas da chuva, usando querosene, conseguiram queimá-las. Isso consumiu muito tempo. Mesmo assim, puseram-se a procurar o dono da plantação. Numa batida em casas de caboclos mais ou menos próximas, nada conseguiram. Embarcaram então na Tubarão e seguiram para Nogueira.

Aqui, ocorreu um pequeno incidente. Uma lavadeira, assustada pela chegada dos policiais, saiu correndo. "Vai avisar alguém" — deduziram Cardoso e seus homens. Os agentes se lançaram à água, armados, no rastro da mulher. Mas logo foi possível encontrá-los conversando com a lavadeira, procurando acalmá-la. De qualquer forma, em Nogueira de sete ou oito famílias, poucos casebres e a igreja, a ação causou alvoroço.

Entretanto, Cardoso dava novas ordens e dois de seus homens sumiram na mata durante bom tempo. Voltaram trazendo o homem conhecido por Zé Foto. Horas depois, na sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, em Tefé, o plantador do epadu queimado daria seu nome verdadeiro: José de Oliveira, 54 anos, nove filhos, plantador de mandioca nascido em Nogueira. "Quando eu me entendi neste mundo, já existiam essas coisas ali" — contava Zé falando do epadu.

Esse homem simples (mas não bobo) contou sobre os estranhos que chegavam a Nogueira "de avião e barco" à procura do epadu. "Mas isso eu só ouvi dizer. Também fiquei sabendo que um bocado de gente vendeu para eles. Comigo eles não falaram."

Sabia que é proibido plantar epadu? "Não, desde o tempo do meu avô o povo planta." E Zé Foto tenta explicar que o seu epadu era só para vizinhos, que pediam... Mas seis mil pés? — pergunta-se. Afinal, entre revoltado e assustado, ele protesta. "Por todos os cantos aí tem as caipoetas estão cheias, por que eu ia tirar os meus?"

Entra o fotógrafo de um estúdio da cidade, para fotografar o indiciado (artigo 12, parágrafo 1º, item II da lei antitóxica de 1976: quem "semeia, cultiva ou faz a colheita de plantas

destinadas a preparação de entorpecentes ou de substância que determine dependência física ou psíquica" está sujeito a reclusão de três a quinze anos).

Mas como distinguir entre os que plantam o epadu como fizeram a vida toda e os que o fazem para ganhar dinheiro? E, mesmo assim, quantos destes saberão que as folhinhas verdes-claro resultarão num entorpecente que vale 22 mil dólares o



quilo em Leticia, 22 mil em Manaus, 25 mil em certa cidade dos Estados Unidos chamada Miami? É um problema difícil, admite Cardoso. Mas diz que a ele compete investigar e prender e à Justiça, julgar.

A mãe do lavrador Secundino plantava, usava e vendia o epadu. Isso ele mesmo conta. E ainda hoje um arruinado forno de barro, que a velha usava para torrar as folhinhas, pode ser visto junto à roça de mandioca desse homem, diante das margens do Igarapé Açu — no outro lado do lago. Secundino também fala em peruanos com lanchas voadoras, negócio de 500 quilos de folha, levaram e nunca mais voltaram. A Polícia Federal esteve lá e queimou tudo.

No terceiro dia de operação, a visita a Secundino foi mais para ver se um novo opadu não tinha sido plantado no lugar do erradicado. Depois disso, a Tubarão aprovou para o Leste do lago. Sob uma chuva intensa, que encrespava as águas, a lancha navegaria por mais de uma hora,

Mas logo de saída, o delegado Cardoso apanhou o microfone do equipamento de rádio: — Manaus, Manaus, Manaus, Tubarão chamando.

O chamado que partia de um ponto da selva, no meio da tempestade, repetiu-se várias vezes, sem êxito. Chegou a ser captado por uma delegacia federal de algum outro lugar remoto que confundiu a Tubarão. "Estamos na escuta, fale Cubatão". Foi muito difícil, com a recepção chegando mal, explicar as coisas (e Cardoso impaciente). Até que Tubarão conseguiu contato com Manaus e o delegado pôde apresentar à Superintendência do Departamento de Polícia Federal um balanço das atividades da equipe.

Mas quando, olhando pela popa, não se via mais o começo do lago de Tefé, o arrais-piloto reduziu a marcha da lancha. Logo, os homens desceram numa pequena brecha aberta na mata e caminhavam até uma casa típica do caboclo da região, que vive da pesca e da venda de farinha. Sem paredes externas, coberta por folhas da palmeira caraná, redes de dormir, pranchas de madeira para simplesmente colocar panelas e coisas do tipo. Em volta, a criação, algumas galinhas e uns porcos.

Periquitos, o japiim "dedo-duro", bandos de aves faziam ressoar pela mata o seu alarido. Uma mulher, moradora da casa, foi chamar o Alfredo, seu parente. Alfredo prontificou-se, e nova caminhada pela mata, recoberta de variedades de samambaia, de avencas, folhagens de formas e cores variadas, levou os viajantes até uma grande plantação de epadu: 17 mil pés, feixes contados dos agentes. Mr. Lyons fez muitas fotos e reportou-se de novo a seu gravador.

Mas em certo momento a informação do delegado Cardoso sobre a facilidade com que o epadu rebrota materializou-se. De um tronco caído e abandonado, haviam nascido cinco ou seis novos pés. Estes também, contudo, foram para a pilha que seria queimada.

Uma refeição de queijo, pão e laranja lambuzados pelo repelente contra insetos passado nas mãos, refêz um pouco as forças dos policiais, que durante bom tempo desbastaram os pés de epadu. Alguns preferiram comer castanhas-do-pará, apanhando no chão os cocos, caí-

dos das majestosas castanheiras. Mais tarde, trilhando o caminho da volta, encontraram mais epadu. Nesse momento pareceu claríssima a afirmação que Carlos Alberto Cardoso fizera ainda em Manaus: "E só chegar e apanhar". Mas para aquele dia, já tinham destruído um número satisfatório de pés (no dia seguinte eliminaram a segunda plantação de 9.207 pés).

Mister Larry Lyons, e seu trabalho? O observador norte-americano contou que procurou registrar o porte da planta, tamanho e tipo das folhas e todos os dados que permitam ao DEA uma comparação com a coca de outros países. Colheu muitas folhas, para análise no laboratório do escritório do organismo, em Brasília. O que o DEA pretende é saber o potencial tóxico das folhas, mesmo que seja preciso fazer exames na sede do organismo, em Washington.

De qualquer forma, a atividade dessas pessoas — começando pelos compradores de epadu — preocupa cada vez mais as autoridades brasileiras. Uma prova disso é a idéia, ainda não divulgada oficialmente, de a Polícia Federal criar um Grupo de Operações Especiais, com delegados e agentes altamente especializados no combate ao tráfico de drogas. O GOE atuaria onde o problema se manifestasse mais grave. Como no Amazonas, por exemplo.

Ou como aconteceu em Tefé, com os colombianos e peruanos em suas lanchas voadoras. Essa cidade, que no princípio do mês começou a receber imagem direta de televisão, tem 129 anos, teve em 1983 uma receita de Cr\$ 150 milhões, situa-se "no final do Brasil" — no dizer do prefeito pedesista Francisco Hélio Bessa. E num lugar desses, de poucas ruas e um mercado onde se compra uma cambada de 12 peixes por Cr\$ 200 (mas o tomate, vindo de Manaus, custa mil o quilo), e de onde só se sai de avião ou barco (dois dias e meio até Manaus), existe muita pobreza — embora não necessariamente fome. Nos lugarejos da área rural, a situação ainda é mais grave. Por isso tudo, o prefeito acha que é a pobreza que leva alguns lavradores a plantar e vender o epadu.

Não que saíam com qualquer riqueza — conclui. Porque muitos deles provavelmente nem sabem o que é isso.

Fotos Reginaldo Manente